

# O ESPAÇO LITÚRGICO COMO EXPERIÊNCIA MISTAGÓGICA

*The liturgic space as experience mystagogic*

Thiago Aparecido Faccini Paro\*

## RESUMO

O local destinado à reunião dos cristãos e, especialmente da celebração dos sacramentos é chamado de “espaço litúrgico”. A sua forma arquitetônica e disposição devem favorecer o encontro com Aquele que ali se esconde, ou seja, remeter o fiel ao mistério de Cristo. Porém, muitos dos espaços celebrativos da atualidade mostram-se em crise, pois a reprodução mecânica, a falta de um projeto iconográfico e catequético, e o excesso de cartazes e coisas que não pertencem ao espaço sagrado não têm contribuído para que estes espaços cumpram o seu papel de conduzir para o mistério ali celebrado. É preciso redescobrir o sentido do espaço litúrgico, o seu valor simbólico e ritual, transformando-o, assim, num espaço mistagógico, em que o fiel seja levado a fazer experiência do Mistério de Cristo.

**Palavras-chave:** Liturgia. Espaço Litúrgico. Mistagogia. Altar.

## ABSTRACT

The place with destiny to Christian meetings and specially of sacraments celebration is called of “liturgic space”. Its architectonical form and disposition must offer the meeting with the One who there hides, it means, coming back the believer to the mystery of Christ. Although many celebration spaces of nowadays show themselves in crises cause the mechanical reproduction, the lack of an iconographic project and a catechetical one and the excess of banners and

\* Especialista em Espaço Litúrgico e Arte Sacra pela PUCRS, Especialista em Liturgia, Ciência e Cultura e Mestrando em Teologia Sistemática pela PUCSP e membro da equipe de reflexão do setor de Espaço Litúrgico da Comissão Episcopal Pastoral para Liturgia da CNBB. E-mail: <faccini20@hotmail.com>.

|                |              |       |      |            |                |
|----------------|--------------|-------|------|------------|----------------|
| Teocomunicação | Porto Alegre | v. 44 | n. 3 | p. 381-395 | set.-dez. 2014 |
|----------------|--------------|-------|------|------------|----------------|



things that do not belong to the holly space, it has not being added to these spaces fit its paper of leading to the mistery there celebrated. It is necessary to find again the meaning of liturgical space, its ritual and symbolical value, becoming it then in a mystagogic space in which the believer is carried to make the experience of the mistery of Christ.

**Keywords:** Liturgy. Liturgical Space. Mystagogy. Altar.

## Introdução

Os cristãos unidos a Cristo pela força do Batismo são as pedras vivas do templo espiritual que é a Igreja, Corpo Místico de Cristo, do qual Ele é a cabeça. Os cristãos são os verdadeiros templos, morada do Espírito Santo. Mas os mesmos necessitam de lugares sensíveis para se encontrar com Deus em assembleia, para ler a Sagrada Escritura e celebrar a Memória do Cristo Ressuscitado, seja debaixo de uma árvore, dentro da igreja ou como faziam os primeiros cristãos que se reunião na clandestinidade das residências e das catacumbas por causa das perseguições.

A palavra igreja que deriva do grego *ekklesias*, significa reunião. As igrejas são sinais materiais do templo espiritual, porém seu sentido não se esgota somente nisso. É também um sinal profético que resume sua Memória e seus projetos, suas celebrações e seus compromissos, seu encontro com Cristo Ressuscitado e sua abertura aos irmãos e ao mundo, e para os que não a frequentam, é um sinal amável e convidativo dos valores que Cristo trouxe e nos quais a comunidade cristã crê.

As construções das igrejas, na sua arquitetura e disposição, refletem o jeito de ser da Igreja em um determinado tempo e lugar. Ao longo da história, as comunidades encontraram diversas maneiras de organizar seus espaços e celebrar a sua fé. No entanto, constatam-se nos últimos decênios construções de espaços celebrativos pouco inspiradores e, em alguns casos, reproduções “mecânicas” de modelos do passado. Além de espaços poluídos, com excesso de cartazes, toalhas e objetos devocionais, que distrai e pouco cumpre seu papel de apontar e guiar para o Mistério que ali se celebra.

O presente artigo busca apresentar o espaço celebrativo, como lugar de excelência de encontro com Deus, a partir da experiência mistagógica do espaço litúrgico, inserindo o fiel na prática ritual-celebrativa da vivência da fé comunitária.

O contato com o espaço litúrgico, bem como a preparação de espaços que leve o fiel a se encontrar com o Mistério Pascal de Cristo é o primeiro passo para uma fé viva e uma participação plena e consciente como nos pede o documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*.<sup>1</sup>

## 1 O Espaço

A palavra espaço pode ser entendida de diversos modos, dependendo do contexto em que está situado.

Segundo Ferreira, o espaço é uma distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados.<sup>2</sup> Para Pastro, a palavra espaço significa dimensão indefinida. Por ser dimensão tem-se a capacidade de medir, de ir ao infinito.<sup>3</sup>

Para a arquitetura, espaço é um seguimento do ambiente concebido para definir uma estrutura física, definir uma área para atividades humanas (habitar, trabalhar, recrear, orar etc.), e para se relacionar com o outro. Esses espaços podem ser constituídos por “espaço físico” e “espaço existencial ou humano”. O espaço físico é definido materialmente com dimensões definidas como largura, altura, comprimento, adequadas às atividades humanas. Já o espaço existencial é a imagem que cada usuário faz quando o utiliza, resultado do meio em que vive, tanto psicológico (sensações do usuário, bem-estar), quanto formal (linguagem arquitetônica, estrutura física que informa o tipo de uso e ações suportáveis para aquele espaço) e social (que gera níveis de relações entre os usuários).

Todas as dimensões físicas, inclusive as quânticas, os volumes sólidos, líquidos, gasosos, sonoros, tudo faz o espaço, inclusive o homem.

### 1.1 O espaço sagrado

Segundo Moltmann, “espaços são sempre espaços de vida e de domínio de determinados sujeitos, sejam animais, pessoas, deuses, espíritos ou demônios”.<sup>4</sup> Para Eliade, os espaços para o homem religioso não são homogêneos, são qualitativamente diferentes uns dos outros,

<sup>1</sup> COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. Constituição sobre a Sagrada Liturgia. p. 256.

<sup>2</sup> FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. p. 698.

<sup>3</sup> PASTRO, C. *Guia do Espaço Sagrado*. p. 15.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, J. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. p. 214.

constituindo-se em espaços sagrados e outros não sagrados (profanos).<sup>5</sup> Dessa distinção de espaços procede toda a reflexão sobre o mundo. Nesse sentido, Moltmann diz que o espaço sagrado é sempre um espaço demarcado, delimitado dos outros espaços do mundo profano e caótico e dele excluído. No entanto, esse espaço santo está aberto para cima para a chegada dos deuses como, por exemplo, a passagem bíblica do sonho de Jacó, o sonho da escada do céu (*Gn 28,12-19*).<sup>6</sup>

O homem sempre precisou de locais distintos para melhor se relacionar com o transcendente, com o invisível, com o mistério. O espaço para se encontrar com Deus em assembleia, para ler a Sagrada Escritura e celebrar a Memória do Cristo Ressuscitado é chamado pelos cristãos de *espaço litúrgico*.

Espaço litúrgico pode ser definido como o espaço físico onde a assembleia dos fieis se reúne para desenvolver ações rituais e celebrativas. Nem sempre são templos edificadas, mas às vezes são lugares da natureza onde se pretende entrar em contato com o transcendente.

De acordo com Pastro, o espaço litúrgico é simbólico, pois nos remete a outra realidade; por isso deve-se ter todo um cuidado com esse espaço, dos materiais aos objetos, dos gestos aos sons, pois a poluição, o excesso de cartazes e sons, perturba, incomoda e distrai. Ao contrário, um espaço limpo e organizado tranquiliza e permite a pessoa melhor pensar e discernir.<sup>7</sup> Portanto o espaço litúrgico, o ambiente, o lugar das celebrações muitas vezes influenciam na receptividade e no relacionamento do ser humano com Deus.

## 2 O espaço litúrgico e a mistagogia

Quem nunca andou no campo, admirando as belíssimas paisagens existentes na flora brasileira e sentiu uma sensação de paz, tranquilidade e felicidade? No profundo silêncio da natureza se consegue mergulhar no íntimo do ser, para dentro do “eu” e ali fazer experiências maravilhosas que não podem ser traduzidas ou explicadas. São momentos únicos e pessoais.

E quantas pessoas que vão à missa, participam de um batizado ou assistem a uma cerimônia matrimonial e veem aqueles momentos como

<sup>5</sup> ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. p. 35.

<sup>6</sup> MOLTSMANN, J. *Deus na Criação*: doutrina ecológica da criação. p. 214.

<sup>7</sup> PASTRO, C. *Teologia do Espaço*. p. 5

mero ato social? Pessoas que nunca conseguiram enxergar além do rito, que nunca sentiram a realidade que se esconde além do simbolismo. Quantos não adentraram os templos admirando somente seu valor artístico e cultural sem experimentar o mistério que ali se esconde.

A vida do ser humano é marcada por experiências “boas” e “ruins”, por momentos alegres e tristes e que muitas vezes não se pode explicar racionalmente. Segundo Pastro, o homem é refletido no espaço que cria, assim como o espaço determina o comportamento humano.<sup>8</sup> As pessoas num mercado se comportam diferentemente do que numa igreja. O ser humano não ocupa apenas lugar no espaço, mas é o espaço que o ocupa. Nesse sentido as igrejas, além de servir as necessidades materiais da assembleia, para a celebração, devem ter características próprias, devem exprimir o sentido e o significado cristão eclesial, através de uma linguagem simbólica expressa pela arte e arquitetura. Devem fazer com que o fiel ou aquele que ali se encontra tenha uma experiência com o Sagrado, com o Transcendente, com o Mistério, com o Invisível... Esse espaço deve ser mistagógico.

‘Mistagogia’ é uma palavra que está sendo bastante usada ultimamente no estudo da catequese, da liturgia e da teologia. Termo este composto de duas partes: ‘mist’ (vem de ‘mistério’) + ‘agogia’ (tem a ver com ‘conduzir’, ‘guiar’...). Assim pode-se traduzir mistagogia como a ação de guiar, conduzir para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz.

A mistagogia está sendo redescoberta hoje em dia. O método mistagógico usado pelos Santos Padres volta a ser estudado, não para aplicá-lo tal qual, mas para servir de inspiração e modelo à formação cristã, principalmente na teologia litúrgico-sacramental. Ponto de referência desse tipo de formação é a ação litúrgica e a experiência que nos proporciona um contato vivo e pessoal com o mistério da fé.<sup>9</sup> Para tanto o espaço da celebração é de suma importância para se fazer essa experiência.

No dia a dia, veem-se lugares barulhentos, ruas cheias de cartazes, figuras, propagandas, excesso de folhagens... e, quando se entra em algumas igrejas, encontra-se a mesma coisa. A “poluição” do espaço com o “desnecessário”, faz com que se perca o sentido do que realmente é importante. É preciso questionar e rever alguns espaços, mas antes

<sup>8</sup> PASTRO, C. *Teologia do Espaço*. p. 5

<sup>9</sup> BUYST, I. Mistagogia hoje: como e quando? in: *Revista de Liturgia*, n. 202 .

de pensar reformar, organizar, embelezar, em criar ou ocupar o espaço litúrgico, é necessário fazer experiência do mistério. Ninguém pode expressar o mistério se não o experimentou ainda.<sup>10</sup>

Nas Sagradas Escrituras, encontram-se várias passagens nas quais a manifestação de Deus vem relacionada com um determinado espaço. Por exemplo: Gn 28, 10-19 (Sonho de Jacó – Bet-El, Casa de Deus); Ex 3, 1-7ss – (Moisés e a sarça ardente – Tire as sandálias porque este chão é sagrado); 1Rs 19,9-15ss (Elias na montanha Horeb, onde o Senhor passou no murmúrio de uma brisa suave); Lc 1,26-28ss. (Maria – o Anjo entrou ‘onde ela estava’... Eis que conceberás e darás à luz um filho); Ap 21,1-7 (A nova Jerusalém – Eis que faço novas todas as coisas...). O que chama a atenção nestas e em muitas outras passagens é a correlação entre ‘fora’ e ‘dentro’: o espaço físico é como que a expressão de um acontecimento interior, profundo, marcante, no coração da pessoa que se depara com o “mistério”, no qual descobre o sentido profundo de sua vida e missão, e a partir do qual é levada a tomar decisões que traçam ou modificam definitivamente o rumo de sua existência.<sup>11</sup>

O “mistério”, para os cristãos, manifesta-se na pessoa de Jesus Cristo, principalmente na sua doação total da paixão, morte e ressurreição. Jesus Cristo é o lugar, o espaço onde é encontrada a presença e salvação de Deus. Ele é o verdadeiro templo da nova aliança. Nele se baseia toda a mistagogia do espaço.

O espaço litúrgico revela o Cristo ressuscitado, glorioso em sua totalidade: cabeça e membros. Os templos são lugares da memória do mistério de Cristo e do seu corpo que é a Igreja. A ação ritual que ali se desenvolve tem como finalidade ativar e aprofundar a comunhão pessoal, interior, espiritual, em Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito Santo, e levar as pessoas mais profundamente à experiência do mistério escondido no coração da realidade individual e social de cada fiel, para poder viver o discipulado e a missão. Simultaneamente na assembleia cristã e em cada batizado, como novo templo de Deus, construídos de pedras vivas, é oferecido o culto em Espírito e em verdade. No espaço sagrado, faz-se experiência da aliança com Deus, o povo fiel se constitui como Igreja de Cristo e recebe o Espírito Santo.

Portanto os espaços das igrejas devem levar o crente a mergulhar no mistério que é Cristo, a descobrir que há algo muito além do simbolismo

<sup>10</sup> Texto fornecido por Ione Buyst como introdução à 21ª Semana de Liturgia. São Paulo, de 15 a 19 de outubro de 2007.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

expresso no altar, no círio pascal, nas imagens, nos ícones... existentes no espaço. Cada objeto, cada peça, cada desenho deve ser inspirado, pensado, para remeter o observador àquilo que não se explica, que não se vê: o Mistério. Assim “toda forma, o traço, a cor, o som, o movimento, o gesto, o material... do ser cristão é essencialmente continuidade do Mistério da Encarnação...”<sup>12</sup>

### 3 O espaço litúrgico “diz” no silêncio

O espaço litúrgico, além das coisas materiais que o compõem, deve ser precedido de um profundo silêncio. Ao passar pelo átrio do templo, entra-se num lugar sagrado, onde a revelação de Deus se silencia, em cada um de nós, quando nos ocupamos demais em falar.

É preciso aprender a silenciar quando necessário, reconhecendo que há algo muito além do que a linguagem verbalizada pode comunicar e operar. Isso acontece quando se começa por admitir os limites do próprio pensamento, e colocar-se silencioso, humilde, contrito e genuflexo na presença de Deus, que está acima e além das tentativas de descrevê-Lo. O silêncio implica buscar um tempo e um lugar de quietude e solidão. É o tempo do descanso na presença de Deus como aquele que busca um amigo com quem se gosta muito de estar. É um enamoramento, é muitas vezes apenas estar junto, em silêncio. Outras vezes, é falar, é rir, é cantar. Estes momentos de intimidade com Deus não se expõem, ou comentam. Este é o culto do coração. Mas é claro, existe o culto que acontece na comunhão daqueles que se reúnem para louvar ao Senhor e ouvir sua Palavra. Porém, aparentemente, na atualidade esqueceu-se do culto do coração. Existem pessoas que sabem muito de Bíblia, mas, conhecer a Deus significa deixar descer a Palavra ao coração. E, embora os mosteiros já não sejam, nos dias de hoje, os lugares mais comuns para a educação teológica, ali o silêncio continua indispensável.

Réggio diz que são precisos mais de três minutos de silêncio para escutar a voz misteriosa da natureza, dos homens e de Deus.<sup>13</sup> É preciso o silêncio de gestos, de coração e de mente. Oliveira<sup>14</sup> diz que o silêncio pode ser uma bênção para ouvidos, olhos, corpos e mentes cansadas,

<sup>12</sup> PASTRO, C. *Teologia do Espaço*. p. 5

<sup>13</sup> RIGGIO, D. *O silêncio de Jesus*.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, R. K. *A função vital do silêncio no labor pastoral*.

além disso, o silêncio ajuda a rever conceitos, repensar decisões, planejar a vida. Deus mora no espaço mais silencioso de cada ser humano. Não no silêncio das proposições acerca de Deus, porque essas são inerentes à pessoa, mas no silêncio de suas vozes. No espaço litúrgico, portanto, pode-se ver e escutar Aquele que vem: Deus.

Num espaço sagrado, numa pobre matéria, manifesta-se o Invisível. A arte revela uma presença que a nossa distração ou descaso nos leva ao esquecimento. Diante de uma obra de arte, temos outra postura. Ela provoca em nós estupor, admiração, olho no olho... Ela é sinal de uma presença. Mais que analisá-la, é ela quem nos comunica, nos indica que estamos em presença do Invisível. Uma palavra sujeita-se a diferentes interpretações. O olhar nos coloca diante de uma presença.<sup>15</sup>

#### 4 O espaço litúrgico como experiência mistagógica

Ione Buyst, por ocasião da 21ª Semana de Liturgia que teve como tema “mistagogia do espaço litúrgico”, propõe como sugestão uma experiência (vivência) no espaço litúrgico a ser realizada individualmente pelo fiel com o seguinte roteiro:

1. Entrada no espaço litúrgico;
2. Encaminhar-se até à igreja, com passos lentos, prestando atenção, respirando, consciente do caminho, do seu próprio centro e dos passos que você vai dando;
3. Ao chegar ao limiar, pare, sinta a alegria de chegar à casa do Senhor (“Que alegria quando me disseram: vamos à casa de Deus!), deixe que se acenda em seu santuário interior a chama do sagrado;
4. Se quiser e puder, tire o calçado... (“Este chão é sagrado!”). Respire fundo, entre no recinto, como se fosse pela primeira vez;
5. Observe, ande em silêncio por todo o espaço, deixe que o próprio espaço lhe fale. Deixe-se impregnar por ele. Interaja com ele com olhares, gestos..., afeto (Se já conhecia o ambiente, poderá lembrar as ações litúrgicas das quais aqui participou).

---

<sup>15</sup> PASTRO, C. *Teologia do Espaço*. p. 7



Sempre respirando conscientemente, amorosamente. Sempre ‘ligado/a’ com seu ‘centro’...;

6. Depois de algum tempo, prepare-se para sair, lentamente. Faça um último gesto antes de atravessar a porta.

Após essa experiência, com certeza o crente descobrirá coisas que sempre estiveram diante dos seus olhos e nunca foram vista; escutará uma voz lhe falando na alma; sentirá paz, esta que só Deus pode dar. Coisas que sempre estiveram ali desde sempre, e que com o barulho do dia a dia não eram percebidas ou até eram quando forçados a parar por um momento de dor (doença, perda de um ente querido...).

O lugar do encontro está ali, para ser desvendado. Portanto não pode ser qualquer lugar, composto por qualquer coisa; deve, com zelo e simplicidade, dar dignidade Àquele que ali se encontra.

“Ide preparar-nos a Páscoa para que a comamos”. Eles lhe perguntaram: “Onde queres que a preparemos?” Ele lhes respondeu: “Ao entrardes na cidade, eis que virá ao vosso encontro um homem trazendo uma bolha de água. Segui-lo até a casa em que ele entrar, e direis ao proprietário dessa casa: ‘O mestre manda dizer-te: Onde fica a sala em que vou comer a Páscoa com os meus discípulos?’ e este homem vos mostrará a sala superior, vasta e mobiliada; aí é que fareis os preparativos”. Eles partiram, encontraram tudo como ele lhes dissera, e prepararam a Páscoa.<sup>16</sup>

Com o mesmo carinho que os discípulos prepararam o lugar da ceia, os cristãos preparam e organizam o espaço da celebração, como quem acolhe a graça e a energia de Deus que se comunica no aqui e agora da história.<sup>17</sup>

Enfim o espaço litúrgico educa para a fé, revela Cristo e ajuda a criar uma espiritualidade verdadeiramente cristã, que se resume na vivência do amor.

---

<sup>16</sup> Lc 22, 8b-13

<sup>17</sup> GUIMARÃES, M. R. O Espaço da celebração. In: CNBB. *Liturgia em Mutirão*: subsídio para a formação. p. 77.

## 5 Educar para o centro do espaço litúrgico

Todos os povos, principalmente os mais religiosos, sempre tiveram um centro, um ponto de referência, um lugar sagrado como, por exemplo, as numerosas culturas que falam sobre a “montanha sagrada” – míticas ou reais - situadas no centro do mundo, exprimindo a ligação entre o céu e a terra: como é o caso do Meru, na Índia; de Gerizim, na Palestina. O mesmo simbolismo encontra-se ao Templo de Jerusalém: o rochedo onde o templo estava construído era o centro da terra, o umbigo do mundo para os judeus.<sup>18</sup> Para algumas pessoas, o centro do mundo é sua própria casa, lugar onde nasce e se desenvolve, lugar que conhece; é o seu ponto de referência. O mesmo acontece com o cristianismo, como veremos a seguir.

Todos aqueles que seguem a Jesus Cristo são denominados cristãos, pois, Cristo é centro, o coração da religião cristã. Dentro do espaço litúrgico, encontra-se “a peça central da igreja, a mais importante”,<sup>19</sup> ou seja, o ALTAR, símbolo eminente do Cristo, “o centro da ação de graças que se apresenta pela Eucaristia”.<sup>20</sup>

No segundo milênio do cristianismo, encontra-se uma fé alicerçada no devocionismo. Nessa época, as igrejas perderam o seu centro (Jesus Cristo, nossa páscoa), apegando-se de maneira devocional às imagens dos santos e aos cultos devocionais, principalmente as que mostravam o sofrimento de Cristo. As pinturas ganharam realismo, dimensões e formas gigantescas. Também se chega a cobrir o altar com sete toalhas, perdendo o grande significado do altar cristão, aquilo que era o essencial para a fé, a ressurreição, a vitória da Vida contra a morte. Pastro diz que sempre se deve deixar um espaço grande em torno do altar para manifestar a sua dignidade e não apinhado de “mil” cadeiras e vasos de folhagens e imagens, que distraem a atenção do único necessário na Celebração Pascal: o Altar.<sup>21</sup>

Segundo Pastro, o sentido básico do altar é de orientação de um povo de batizados, de uma assembleia voltada para o Senhor, pois só uma assembleia que tem uma orientação para onde se voltar será modelada e permitirá modelar o edifício.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. p. 51.

<sup>19</sup> MACHADO, R. C. A. *O espaço da celebração*: mesa, ambão e outras peças. p. 11.

<sup>20</sup> AS INSTRUÇÕES Gerais dos Livros Litúrgicos (IGLL). p. 176.

<sup>21</sup> PASTRO, C. *Arte Sacra*: o espaço sagrado hoje. p. 255.

<sup>22</sup> Idem, *Guia do Espaço Sagrado*. p. 31.

“Sabemos que os primeiros cristãos, chamados Padres da Igreja, depois de terem lido, ouvido e meditado profundamente a Palavra de Deus, não tiveram nenhuma dúvida em afirmar que Cristo é a vítima, o sacerdote, o altar de seu sacrifício”.<sup>23</sup> “Na Epístola aos Hebreus, Cristo mostra-se como o Sumo Pontífice e o Altar vivo do Templo celeste; no Apocalipse, nosso Redentor aparece qual cordeiro imolado e sua oblação é levada por mãos do santo anjo ao sublime altar”.<sup>24</sup>

A palavra “altar” está presente nos textos bíblicos desde o livro de Gênesis ao Apocalipse. Como por exemplo: *Gn* 12, 7; *Gn* 28,18; *Ex* 20,24; *Esd* 3,2-3; *1Cor* 10,14-22; *1Cor* 10; *Hb* 4, 14; *Hb* 13,10; *Ef* 2;20-22; *IPd* 2,5-8; *Ap* 5,6.

A Instrução Geral do Missal Romano diz que o altar é a mesa do sacrifício e do banquete pascal. “Mesa própria, onde o sacrifício da cruz se perpetua pelos séculos, até que Cristo venha; mesa onde os filhos da Igreja se congregam para dar graças a Deus e receber o Corpo e o Sangue de Cristo”.<sup>25</sup>

Na prece de dedicação do altar, encontram-se vários elementos que explicitam melhor o valor e dignidade do altar.

Nós vos agradecemos, Senhor, e vos bendizemos, por terdes com inefável bondade decidido que, passadas as várias figuras, se completasse em Cristo o mistério do altar.

Noé, segundo pai do gênero humano, acalmadas as ondas, ergueu um altar e vos ofereceu um sacrifício, que aceitastes, qual suave perfume, renovando com os homens a aliança do amor.

Abraão, pai de nossa fé, aderindo de todo coração à vossa palavra, construiu um altar, no qual, por não poupar Isaac, o filho dileto, vos atendeu.

Moisés, mediador da antiga Lei, edificou um altar que, aspergido com o sangue do cordeiro, misticamente prefigurava a ara da cruz. Todas essas figuras Cristo levou à realidade pelo mistério pascal.

Ele, sacerdote e vítima, suspenso na árvore da cruz, entregou-se como oblação pura a vós, ó Pai.

Assim apagou todos os pecados e se revelou a nova e eterna aliança convosco.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> SILVA, J. A. *Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da missa: o sentido teológico, orientações pastorais*. p. 19.

<sup>24</sup> RITUAL de Dedicção de Igreja e Altar. p. 68.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 82.

No início, a oração evoca três altares do antigo testamento: o altar de Noé (*Gn* 8,20-21), de Abraão (*Gn* 22, 1-14), de Moisés (*Ex* 24, 4-11). “Esses altares eram figuras proféticas daquilo que se realizaria em Cristo, na sua páscoa. Ele, na cruz, se oferece ao Pai (Isaac), para destruir os pecados do mundo (Noé), e estabelecer uma nova aliança (Moisés).”<sup>27</sup> Depois a oração prossegue com o momento epiclético:

Nós vos rogamos, Senhor, derramai a santidade celeste sobre este altar erguido na casa do vosso povo; que se torne para sempre dedicado ao sacrifício de Cristo e seja a mesa do Senhor, junto da qual vosso povo se renove no banquete divino.

Seja-nos esta pedra polida símbolo de Cristo. Se o altar não for de pedra, mas de outra matéria se diz: Seja-nos este altar símbolo de Cristo, de cujo lado ferido correram água e sangue, os sacramentos que fazem nascer a Igreja.

Seja a mesa festiva, para onde os convivas de Cristo acorram alegres e, colocando em vossas mãos cuidados e trabalhos, se reanimem com novo vigor para a nova jornada.

Seja o lugar de íntima comunhão e de paz convosco, em que, alimentados com o Corpo e o Sangue de vosso Filho, imbuídos do vosso Espírito, cresçam no amor.

Seja fonte da unidade da Igreja e concórdia dos irmãos; reunidos os fiéis junto dele, bebam o espírito da mútua caridade.

Seja para nós o centro de louvor e gratidão, até chegarmos jubilosos aos tabernáculos eternos, onde com Cristo, Sumo Pontífice e Altar vivo, vos oferecemos o perene sacrifício de louvor.

Cristo, que, sendo Deus, convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.<sup>28</sup>

No momento epiclético, roga-se ao Senhor para que o altar seja lugar dedicado ao sacrifício de Cristo; mesa do Senhor onde o povo se renove no banquete divino; símbolo de Cristo, de cujo lado aberto correu sangue e água, sacramentos que fazem nascer a igreja; mesa festiva para a qual acorrem alegres os convivas; lugar de íntima comunhão e de paz; fonte de unidade da igreja; seja o centro do louvor e da gratidão. Com essa prece “se afirma o propósito de dedicar para sempre o altar ao Senhor e se implora sua bênção.”<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Texto fornecido por Ir. Laide Sonda em palestra na 21ª Semana de Liturgia. São Paulo, 2007.

<sup>28</sup> RITUAL de. loc. cit.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 72.

Depois de dedicado, o altar é *ungido*, com o crisma, tornando-se símbolo de Cristo que é o “Ungido”, por excelência e assim é chamado; é *incensado*, significando que o sacrifício do Cristo que aí se perpetua no mistério sobe a Deus em odor de suavidade e também simbolizando as orações dos fiéis; é ainda *reverenciado* expressando que o altar é a pedra do sacrifício eucarístico e mesa da ceia do Senhor ao redor do qual todos os fiéis se reúnem com alegria para se saciar do corpo e sangue do Cristo; e por fim é *iluminado* lembrando que Cristo é a Luz que ilumina todos os povos e a sua Igreja. Sobre ele ainda estão gravadas as cinco cruzes de consagração, simbolizando as cinco chagas do Cristo que são o testemunho e a presença do Ressuscitado entre nós.

Na Liturgia Maronita, no final da celebração, o altar é saudado assim pelo sacerdote:

Permanece em paz, altar santo, e que eu volte em paz para ti! A Eucaristia que sobre ti ofereci e de ti recebi, me seja para o perdão dos pecados e penhor para que eu me apresente diante de ti do trono de Cristo, sem confusão nem medo. Não sei se voltarei ainda a oferecer sobre ti um outro, amém.<sup>30</sup>

É claro que o autor não refere ao altar como móvel, mas a uma pessoa: Jesus Cristo, com a qual deseja se encontrar.

O Altar é o lugar do encontro e da aliança selada entre Deus e os homens. E a testemunha: “a vítima é consumida pelos fiéis, mas o Altar permanece testemunhando, perenemente, a comunhão com Deus”.<sup>31</sup> Cristo se oferece permanentemente no Altar.

O Altar não procura parecer; ele *é e é ali*, testemunho da aliança e lugar escolhido de sua renovação. [...] Valem aqui as palavras de Dom Jean Leclercq: ‘O Altar é o lugar da presença imediata de Deus, mas Ele não a revela. Ele é um trono, não uma vitrine. É o trono do invisível, o lugar onde reside a sua glória. Tudo deve atrair nossos olhares para o Altar e nada deve distrair-nos disso; imagem alguma deverá atrair, em redor ou acima dele. A fé nos deve manter orientados para ele como para o centro de nossa vida’.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> LITURGIA da Santa Missa Maronita. Igreja Antioquena Oriental. Siríaca – Aramaica. Católica Apostólica Romana. Diocese de Nossa Senhora do Líbano. p. 283.

<sup>31</sup> PASTRO, C. *Arte Sacra: O espaço sagrado hoje*. p. 251.

<sup>32</sup> PASTRO, C. *Arte Sacra: O espaço sagrado hoje*. p. 255-256.

Todos os batizados deveriam ser formados para aquilo que é essencial, para a fé, que recebessem uma educação alicerçada no mistério de Cristo, para que todos os crentes reconhecessem no Altar a face de Cristo e a ele se voltassem para que com São Cirilo de Alexandria e a Tradição Patrística dissessem: “O ALTAR É CRISTO”, centro e cume de toda nossa vida.

Portanto é preciso resgatar o grande valor simbólico que é o Altar cristão. Primeiro formando os catequistas e os que estão à frente das comunidades, depois fazer com essa “catequese mistagógica” seja experienciada e vivida por todos os crentes, edificando-os e fortalecendo-os, pois não se ama o que não conhece. Que esse seja o primeiro passo para se resgatar a fé e a convicção que as primeiras comunidades tinham.

Que Jesus Cristo seja sempre o princípio, o centro e o cume orientador da grande liturgia terrestre.

## Conclusão

Analisando a grande maioria das comunidades, encontra-se um ambiente não muito favorável à celebração litúrgica. Muitas se parecem com ambientes caóticos e desorganizados, sem conforto, lugares escuros e frios.

Como se quer transmitir uma mensagem viva e verdadeira, experiencial e pessoal, se o ambiente em nada favorece essa dinâmica? É preciso regatar aquilo que é próprio da fé, do homem religioso: a busca Daquele que vem, do Invisível, do não dito, do Mistério. Para tanto um ambiente bonito, arejado e iluminado, com sinais e símbolos que possam auxiliar os fiéis a fazer a experiência mística de Cristo, é de fundamental importância. Valorizar os elementos fundamentais que constituem o espaço litúrgico (altar, ambão, cadeira da presidência e espaço da assembleia), além de respeitar a espiritualidade própria do calendário litúrgico, com seus símbolos e ritos, fazendo o caminho pedagógico e mistagógico proposto por ele é de fundamental importância para se ter um espaço que de fato seja litúrgico e mistagógico, que comunique e conduza para o Mistério.

É preciso resgatar os ritos e símbolos, conscientizando o fiel daquilo que é essencial na fé, fazendo com que o mesmo faça essa experiência mística de Jesus Cristo, onde o espaço ao seu redor é de fundamental importância para essa pedagogia e mistagogia própria da Liturgia da Igreja.

Enfim, pode-se concluir que o espaço litúrgico é, antes de tudo, um lugar propício para educar o fiel na fé e fazê-lo experimentar o mistério que ali se esconde.

## Referências

- AS INSTRUÇÕES Gerais dos Livros Litúrgicos (IGLL). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA Tradução Ecumênica, TEB. São Paulo: Loyola, 1994.
- BUYST, Ione. Mistagogia hoje: como e quando? In: *Revista de Liturgia*. n. 202, jul.-ago. 2007.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1956.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES, Marcelo R. O espaço da celebração. In: CNBB. *Liturgia em Mutirão: subsídio para a formação*. Brasília: CNBB, 2007.
- LITURGIA da Santa Missa Maronita. Igreja Antioquena Oriental. Siríaca – Aramaica. Católica Apostólica Romana. Diocese de Nossa Senhora do Líbano. São Paulo, e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela 1998.
- MACHADO, Regina C. A. *O espaço da celebração: mesa, ambão e outras peças*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MISSAL Romano. Tradução portuguesa da 2. ed. típica para o Brasil realizada Sé Apostólica. Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1992.
- MOLTMANN, Jurgen. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- OLIVEIRA, R. K. *A função vital do silêncio no labor pastoral*. 2006. Disponível em: <<http://revezolima.blogspot.com/2007/09/funo-vital-do-silencio-no-labor-pastoral.html>>. Acessado em: 20 fev. 2008.
- PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra: O espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Guia do Espaço Sagrado*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Espaço*. São Paulo: Grafa, 2006.
- RIGGIO, Dalmo. *O silêncio de Jesus*. 2008. Disponível em: <[http://www.nsrainha.org.br/artigos/det\\_artigos.php?id=3](http://www.nsrainha.org.br/artigos/det_artigos.php?id=3)>. Acessado em: 20 fev. 2008.
- RITUAL de Dedicção de Igreja e Altar. São Paulo: Paulinas, 1984; Paulus, 1999.
- SILVA, José Ariovaldo. *Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da missa: o sentido teológico, orientações pastorais*. São Paulo: Paulus, 2006.

Recebido: 23/06/2014

Avaliado: 17/07/2014